

A elaboração imaginativa na origem da vida psíquica e suas implicações clínicas¹

Marcia Regina Bozon de Campos², São Paulo
Leopoldo Pereira Fulgencio Junior³, São Paulo

Este artigo pretende identificar o surgimento e o desenvolvimento da noção de elaboração imaginativa na obra de Winnicott, analisando o seu significado e suas possíveis implicações clínicas. Complexa e pouco explorada, a noção de elaboração imaginativa é uma das contribuições específicas à psicanálise, feitas por D.W. Winnicott, que permite a formulação de uma hipótese teórica sobre a inclusão do corpo como um elemento fundamental na origem da vida psíquica. Considerando o campo sensorial como ponto de partida para a atribuição de sentido às sensações corporais nos primórdios da existência, a capacidade de elaborar imaginativamente inaugura o processo de apreensão da integração psicossomática, assim como a possibilidade de manter viva e presente na vida adulta a conexão entre o campo da sensorialidade, o campo afetivo e a vida de representação. Nesta perspectiva, a elaboração imaginativa está na origem da possibilidade de criar, sonhar, fantasiar, devanear, brincar e simbolizar, constituindo um elemento importante no tratamento psicanalítico.

Palavras-chaves: *Elaboração imaginativa; Corpo; Integração psicossomática; Winnicott*

¹ Este artigo é um resultado parcial da tese de Doutorado *Estudo histórico-crítico da noção de elaboração imaginativa na obra de D. W. Winnicott e suas implicações na clínica psicanalítica*, de Marcia Regina Bozon de Campos, orientada pelo Prof. Leopoldo Pereira Fulgencio Junior.

² Psicóloga. Membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.
<https://orcid.org/0000-0002-7272-7490>

³ Professor associado (Livre Docente) do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP).
<https://orcid.org/0000-0001-5730-7626>

A elaboração imaginativa na obra de Winnicott

A noção de *elaboração imaginativa* foi designada por Winnicott para descrever o fenômeno pelo qual o bebê realiza uma série de experiências vividas a partir da sua corporeidade, incluindo o próprio funcionamento corpóreo e as diversas sensações decorrentes do conjunto de relacionamentos com o ambiente. Sua compreensão só é possível dentro do quadro da obra do autor, considerando que, o sentido atribuído a esse termo foi concebido a partir da *teoria do desenvolvimento emocional primitivo* (Winnicott, 1945/2000b), cuja premissa inicial é a imaturidade da criança⁴ e, conseqüentemente, a sua condição de desamparo. Com base nessa perspectiva, Winnicott propõe a hipótese de que o desenvolvimento rumo a apreensão da integração psicossomática só será possível a partir da sustentação fornecida pela mãe-ambiente. Faz-se necessário, portanto, compreender as noções de preocupação materna primária, *holding* e experiência de mutualidade (1969/1994b), pois constituem as premissas para que a criança possa experienciar a continuidade da vida, pressuposto para a realização do trabalho designado por *elaboração imaginativa* das suas sensações corporais nesse período que antecede à palavra.

O artigo *Desenvolvimento emocional primitivo* (Winnicott, 1945/2000b) representa um estudo fundamental sobre o pensamento do autor, no qual fica evidente o seu empenho na compreensão do psiquismo infantil a partir do pressuposto da importância do ambiente no processo de desenvolvimento da criança. Além da experiência como pediatra e analista de crianças, suas formulações foram baseadas na análise de pacientes psicóticos durante o período da Segunda Guerra Mundial, fator que o conduziu ao entendimento dos elementos primitivos presentes na situação transferencial.

⁴ Winnicott se refere à imaturidade do bebê em diversas ocasiões, designando um estado onde não há, ainda, a capacidade para apreensão de uma realidade não-Eu [not-Me] (Winnicott, 1988 [1970]), em que o bebê e a mãe estão amalgamados para criar a situação bem-sucedida do narcisismo primário (Winnicott, 1954/2000f). Às vezes, isto é interpretado como sendo uma imaturidade radical, na qual o bebê não saberia nada de si e, nada do mundo, sem nenhuma capacidade para diferenciar o que é ele e o que advém do mundo. No entanto, em primeiro lugar, é necessário colocar em evidência que, para Winnicott, mesmo nesse estado de imaturidade, o bebê pode se sentir invadido pelo mundo ou pelo ambiente, o que exigiria, paradoxalmente, um reconhecimento do mundo não-EU como invasor; em segundo, há uma série de estudos atuais – especialmente os feitos por Daniel Stern (1985), no campo da psicologia do desenvolvimento e das neurociências – que demonstram que o bebê tem capacidade para fazer muitas distinções (por exemplo, diferenciar o cheiro do leite da mãe do de uma outra mulher), mostrando que o bebê não é radicalmente imaturo. Este é um ponto a ser aprofundado na obra de Winnicott, em diálogo com estudos atuais (cf. Alvarez & Golse, 2008; Beebe, Chen, & Lachmann, 2016; Beebe & Lachmann, 2014; Golse, 1999, 2006, 2008; Imbasciati & Cena, 2018; Imbasciati, Dabrassi, & Cena, 2007; Imbasciati, Debrassi, & Cena, 2018; Missonnier, 2009, 2012; Missonnier, Blazy, Boige, Presme, & Tagawa, 2012; Stern, 1985; Stern, 1991, 1997).

No início do texto, o autor deixa claro que não pretende apresentar suas ideias de forma sistemática a partir das teorias de outros autores, mas sim a partir de sua experiência clínica:

Não pretendo apresentar em primeiro lugar uma resenha histórica, mostrando o desenvolvimento de minhas ideias a partir das teorias de outras pessoas, porque minha mente não funciona dessa maneira. O que ocorre é que eu junto isto e aquilo, aqui e ali, volto-me para a experiência clínica, formo minhas próprias teorias e então, em último lugar, passo a ter interesse em descobrir de onde roubei o quê. Talvez esse seja um método tão bom como qualquer outro. (Winnicott, 1945/2000b, p. 218)

Considero interessante observar a maneira pela qual Winnicott, conscientemente, desenvolve seu pensamento, ancorado em um forte senso de liberdade que lhe permite elaborar uma teoria a partir da atribuição de sentido à sua própria experiência. Um leitor desavisado poderia interpretar tal afirmação como falta de rigor científico, porém, ao nos aprofundarmos em sua teoria, torna-se evidente a coerência entre o método e as ideias apresentadas. A noção de *elaboração imaginativa* pode ser considerada um exemplo do seu próprio modo de construção do pensar a partir da atribuição de sentido à experiência. No entanto, é importante destacar que, ao longo de sua obra, Winnicott afirma sua filiação à Freud, creditando suas descobertas e reflexões ao vínculo mantido com a psicanálise, considerando que só é possível ser criativo apoiando-se na tradição.

Observamos que, em razão do esforço para que os desenvolvimentos teóricos ocorram a partir da experiência clínica, muitas vezes Winnicott é levado a usar novos termos capazes de nomear fenômenos cuja observação ainda não havia tido lugar na tradição psicanalítica. Este é o caso do termo *elaboração imaginativa*.

O autor aponta que esta atividade primitiva de elaborar imaginativamente os acontecimentos corporais pode ser considerada uma característica fundamental da *natureza humana*, representando, ao seu ver, a principal diferença entre o *animal humano* e os outros animais:

A psique se forma a partir do material fornecido pela elaboração imaginativa das funções corporais que por sua vez depende da saúde e da capacidade do cérebro. Pode-se dizer com segurança que a fantasia mais próxima do funcionamento corporal depende da função daquela parte do cérebro que, em termos evolutivos, é a menos moderna, enquanto a consciência-de-si depende de (o) funcionamento daquilo que é mais moderno na evolução do

Marcia Regina Bozon de Campos, Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

animal humano. A psique, portanto, está fundamentalmente unida ao corpo através de sua relação tanto com os tecidos e órgãos quanto com o cérebro, bem como através do entrelaçamento que se estabelece entre ela e o corpo graças aos novos relacionamentos produzidos pela fantasia e pela mente do indivíduo, consciente ou inconscientemente. (Winnicott, 1988/1990, p. 70)

A ideia de uma indissociabilidade entre corpo e psiquismo não somente é explicitada como o fato desse entrelaçamento ser alinhavado pela fantasia, subentende a inclusão de aspectos inconscientes. Esta ideia já se encontra presente no artigo *O apetite e os problemas emocionais* de 1936, no qual Winnicott afirma que, a partir da observação de bebês, é possível deduzir que as fantasias surgidas através do instinto oral passam por “(...) uma elaboração sem fim que irá constituir o mundo interno da criança”, um “mundo vivo de movimentos e sentimentos, que nesse momento inicial estaria relacionado à barriga” (Winnicott, 1936/2000a, p. 93).

Isto significa que, nesse momento inicial da sua obra, ao reivindicar o reconhecimento das fantasias orais, Winnicott compartilha suas inquietações na qualidade de pediatra, relacionadas à compreensão de sintomas tão comuns em bebês recém-nascidos, tais como cólicas, vômitos, diarreia, constipação ou anorexia, afirmando que nenhum desses sintomas poderia ser compreendido fora do campo de relação com as fantasias conscientes e inconscientes da criança sobre o interior de seu corpo. No mesmo artigo, encontramos a hipótese de que uma complexa estrutura mental poderia ser atribuída ao recém-nascido ainda nos primórdios da vida, de modo que este seria capaz de ter fantasias, mesmo que incipientes, das sensações provenientes das pressões instintuais e de sua respectiva satisfação (Winnicott, 1936/2000a).

Em *Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade*, cujo tema central é a experiência do nascimento, encontramos a seguinte afirmação:

É possível assumirmos com certeza que, a partir da concepção, o corpo e a psique desenvolvem-se juntos, a princípio fundidos, e gradualmente tornando-se distinguíveis um do outro. Seria certamente possível dizer sobre a psique que, independente do soma, existe um estar-aí pessoal que antecede o nascimento, uma continuidade da capacidade de ter experiências. Esta continuidade, que poderia ser chamada como os primórdios do *self*, é periodicamente interrompida por fases de reação à intrusões. O *self* começa então a incluir memórias dos breves períodos nos quais a reação à intrusão perturba a continuidade. (Winnicott, 1949/2000c, p. 274)

Winnicott avança em sua afirmação sobre a capacidade inerente ao ser humano de se desenvolver a partir de experiências pautadas na corporeidade, cuja origem é anterior à existência do eu. Ao falar sobre o período que antecede o nascimento, afirma ser possível postular um *determinado estado mental do feto*, um *estar-aí pessoal*, traduzido pela capacidade de ter experiências sucessivas em uma certa continuidade, as quais constituiriam o início de um desenvolvimento emocional mais ou menos saudável conforme a intensidade das perturbações ambientais. Mais uma vez, embora não faça referência direta ao termo *elaboração imaginativa*, o autor dá a entender que ela poderia iniciar na fase intrauterina, mencionando o fato de que as experiências do bebê, ainda na barriga da mãe, seriam capazes de influenciar seu desenvolvimento, pois este já portaria, desde esse momento, a capacidade de se beneficiar ou de sofrer os danos impingidos pelas intensidades das perturbações ambientais.

A *elaboração imaginativa* associada à fantasia segue ao longo de sua obra, constituindo um recurso fundamental da natureza humana para dar sentido ao que é vivido e realizar a integração necessária para a existência psicossomática. Também está relacionada ao sonho e a toda atividade criativa da qual fazem parte o brincar, o criar, o imaginar e o devanear, atividades que dependem da capacidade de transitar entre o presente, o passado e o futuro, fornecendo subsídio para a memória e para a antecipação das experiências. A partir da *elaboração imaginativa*, terá início a construção de um mundo interno, acompanhada pelo sentimento de responsabilidade a respeito do que ocorre dentro desse mundo, assim como a possibilidade de discernir entre a fantasia localizada dentro e fora de si mesmo, permitindo o constante intercâmbio e enriquecimento entre ambas. Trata-se, portanto, de um conceito fundamental para a compreensão da formação do psiquismo e da constituição do indivíduo, entendidas pelo autor como eminentemente psicossomáticas.

A elaboração imaginativa em relação à existência psicossomática

No artigo *A mente e sua relação com o psicossoma*, Winnicott afirma a indissociabilidade entre soma e psique, deixando claro que, nos primórdios, a psique equivale à *elaboração imaginativa* dos elementos, sentimentos e funções somáticas, constituindo-se como uma forma de dar sentido aos acontecimentos provenientes da própria vitalidade física, em um estado no qual psique e soma estão indiferenciados.

Marcia Regina Bozon de Campos, Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

Tentemos pois, pensar o desenvolvimento do indivíduo começando no início. Eis um corpo. A psique e o soma não podem ser distinguidos, a não ser pela forma como os vemos. Podemos nos voltar para o corpo ou para a psique que se desenvolve. Considero que aqui a palavra psique signifique a *elaboração imaginativa dos elementos, sentimentos e funções somáticas*, ou seja, a atividade física. (Winnicott, 1954[1949]/2000e, p. 333, grifos do autor)

Refletindo de forma empírica, isto se refere a um momento em que a criança ainda não tem a percepção de si mesma como uma unidade, quando seu corpo ainda não pode ser sentido como *o cerne do seu self*, limitado pela pele que contorna e separa o espaço interior (no qual passa a existir um mundo interno) do espaço exterior, preenchido por outros corpos (Winnicott, 1954[1949]/1992).

Embora deixe claro que a *elaboração imaginativa*, compreendida como psique, não esteja localizada em nenhuma parte do corpo, Winnicott alerta que, por se relacionar diretamente com o funcionamento do corpo, podem ocorrer experiências nas quais a pessoa tenha uma sensação bastante lógica de localização, como nos mostra a seguinte vinheta clínica:

Nesse momento de não saber apareceu na análise a memória de um pássaro que ficava inteiramente parado, a não ser por uns movimentos da barriga que indicavam a respiração. Por outras palavras a paciente alcançou aos 47 anos, aquele estado no qual o funcionamento fisiológico em geral constitui o viver. A *elaboração psicológica* deste funcionamento fisiológico é muito diferente do trabalho intelectual que com frequência torna-se artificialmente uma entidade em si mesma e se oferece falsamente como um lugar onde a psique pode residir. (...) Agora ela tinha, pela primeira vez a possibilidade de ter uma psique, uma entidade toda sua, um corpo que respirava e o qual vinha acrescentar-se um início de fantasia relacionada com a respiração e com outras funções fisiológicas. (Winnicott, 1954[1949]/1992, p. 341)

Podemos considerar que, nesta vinheta clínica, embora Winnicott utilize a expressão *elaboração psicológica* do funcionamento fisiológico, está claro que se refere à *elaboração imaginativa* dos acontecimentos corporais, responsável por promover a indissociabilidade entre psique e soma. Através desse relato, compreendemos que a percepção sensorial obtida pela paciente a respeito da própria respiração, acompanhada das fantasias relacionadas a essa experiência, constituiu a *elaboração imaginativa* da sensação de estar viva, resultando em um movimento de integração psicossomática.

Indo além, podemos construir a hipótese de que esse movimento ocorrido na análise correspondeu à possibilidade de ter uma experiência referente a um momento inicial da vida cuja vivência não foi satisfatória. Refiro-me a um momento no qual a constatação de estar vivo pela própria experiência sensorial é uma elaboração imaginativa. Embora se trate de uma experiência pré-verbal, não simbolizada, é marcada pela singularidade dos ritmos daquele determinado corpo/ser. Talvez possamos afirmar que tal singularidade dos ritmos corporais inaugura um processo subjetivo, intimamente relacionado ao processo primário, que virá a ser constitutivo de um verdadeiro *self*.

Ainda no mesmo texto, Winnicott (1954[1949]/2000e) faz a seguinte afirmação: “No cuidado das crianças é vitalmente importante que as mães, inicialmente fisicamente e logo também imaginativamente, possam desde o início fornecer uma adaptação ativa (...)” (p. 335).

Nesse trecho, Winnicott utiliza o termo *imaginativamente* para falar da capacidade que a mãe possui de saber, ou de intuir, aquilo que seu bebê necessita em cada momento do próprio desenvolvimento emocional. É importante ressaltar que ele está se referindo tanto à satisfação das necessidades derivadas dos impulsos instintuais quanto a todos os outros tipos de necessidades advindas do ego primitivo da criança, incluindo as próprias falhas maternas necessárias para que o bebê se desenvolva. Em outras palavras, a capacidade da mãe de elaborar imaginativamente as suas sensações no contato com a criança, de modo a oferecer exatamente o necessário, nem mais e nem menos, proporcionará as condições para que esta possa vir a fazer a *elaboração imaginativa* de suas sensações corporais de modo a seguir em um processo de amadurecimento satisfatório rumo à integração.

Essa ideia nos permite refletir sobre a elaboração imaginativa a partir de uma perspectiva clínica, considerando que, na concepção de Winnicott, o processo analítico equivale ao processo de amadurecimento da criança (1965/1983d). Nesse sentido, o analista, assim como a mãe, deve sustentar o contato na transferência através de sua presença não intrusiva, oferecendo ao analisando as condições necessárias para que ele possa fazer suas próprias descobertas de forma criativa. No artigo *Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos* (Winnicott, 1963/1983e), Winnicott ressalta o quão perigosa pode ser a interpretação do analista no momento em que este ainda não pode ser percebido objetivamente pelo paciente, permanecendo no lugar de objeto subjetivo. Em tal caso, como na relação da mãe com a criança na fase da dependência absoluta, é preciso que o analista possa esperar pelo tempo do amadurecimento do paciente, elaborando imaginativamente as próprias sensações advindas do contato estabelecido durante a sessão. Ampliar a escuta para além das palavras permitirá

Marcia Regina Bozon de Campos, Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

ao analista oferecer ao paciente o que ele necessita, sem correr o risco de invadir o núcleo central e silencioso de sua organização egoica.

Winnicott (1956/2000h) aprofunda a questão da sensibilidade da mãe para o estabelecimento de um contato satisfatório com a criança ao descrever o fenômeno da *preocupação materna primária*, no qual um estado regressivo, permeado por uma sensibilidade exacerbada, permite que ela entre em contato corporal com as necessidades do bebê, propiciando que este possa, através da *elaboração imaginativa* das suas experiências físicas, apropriar-se de suas sensações corporais que “gradualmente se transformarão em necessidades do Ego” (p. 403).

A elaboração imaginativa como fenômeno relacionado ao self

Segundo Winnicott (1956/2000h), nos primórdios, o *self* do bebê “é equivalente a um somatório de experiências tranquilas, motilidade espontânea e sensações, retornos da atividade à quietude e o estabelecimento da capacidade de esperar que haja recuperação depois das aniquilações resultantes das intrusões do ambiente” (p. 405).

Para o autor, nessa etapa da vida ainda não existem relações objetais, pois, antes das relações de objeto, há uma unidade formada pelo contexto ambiente-indivíduo, no qual está inicialmente situado o centro de gravidade. Somente a partir dos cuidados suficientemente bons que este centro de gravidade passará a se estabelecer no cerne, ou seja, no corpo do bebê, contornado por um envoltório cutâneo que separa o interior do exterior, delimitando o espaço interior no qual a psique se alojará. Entretanto, vale ressaltar a importância do suporte egoico fornecido pela mãe para a constituição do ego rudimentar da criança, que se dará a partir das sucessivas experiências de ameaça de aniquilação, das quais poderá se recuperar, desde que conte com um ambiente facilitador.

Empiricamente, neste momento inicial, a *elaboração imaginativa* permite ao bebê vivenciar seus estados excitados e movimentos corporais na relação com o mundo e com os objetos nele encontrados. Neste primeiro momento, constitui-se em uma atividade psíquica rudimentar a partir da qual a criança torna-se capaz de ir, pouco a pouco, construindo seu esquema corporal, com seus aspectos temporal e espacial, assim como a possibilidade de dar conta dos próprios sentimentos. Trata-se, portanto, de uma ação primordial, pois será a partir dela que a criança experimentará a sensação de estar viva.

Nesse momento inicial, os estímulos externos não teriam influência em tal processo, de modo que a *constatação* da experiência de estar vivo ocorre

através da própria experiência sensorial. Podemos concluir, assim, que essa *constatação* equivaleria à *elaboração imaginativa*, a qual, embora corresponda a uma experiência pré-verbal não simbolizada, é marcada por uma singularidade determinada pelos ritmos do corpo daquele corpo/ser.

A elaboração imaginativa e os fenômenos transicionais

A questão da *elaboração imaginativa* na constituição do mundo interno da criança também é desenvolvida em *Objetos transicionais e fenômenos transicionais*, texto publicado em 1951. Além dos relacionamentos interpessoais e da realidade interna, Winnicott reivindica a existência de uma terceira área de relacionamento, uma zona intermediária de experimentação do mundo que existe como um local de repouso diante da tarefa humana de manter simultaneamente a separação e a inter-relação entre mundo interno e mundo externo:

Uma descrição da natureza humana realizada em termos dos relacionamentos interpessoais é geralmente vista como inadequada, mesmo abrangendo a elaboração imaginativa das funções, a fantasia como um todo, tanto consciente como inconsciente, e inclusive o inconsciente reprimido. Há um outro modo de descrever pessoas que deriva das pesquisas realizadas nas últimas décadas, pela qual todo indivíduo que alcançou a condição de ser uma unidade (com uma membrana limitadora entre o exterior e o seu interior), possui uma realidade interna, um mundo que pode ser rico ou pobre e que pode estar em paz ou em estado de guerra. (Winnicott, 1953[1951]/2000d, pp. 317-318)

Nessa citação, a *elaboração imaginativa das funções (corporais)*, aparece como equivalente ao universo fantasmático da criança, abrangendo tanto as fantasias conscientes como as inconscientes, associação que Winnicott voltará a fazer no ano seguinte, no texto *A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal*:

O bebê, sendo uma pessoa inteira, é capaz de identificar-se com a mãe, mas ainda não há, para ele, uma clara distinção entre as suas intenções e o que de fato ocorre. As funções e sua elaboração imaginativa ainda não são muito claramente distinguidas em termos de fantasia (...) Conforme foi dito acima, duas coisas estão acontecendo. Uma delas é a percepção da identidade entre os dois objetos, a mãe dos momentos tranquilos e a mãe usada e até

Marcia Regina Bozon de Campos, Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

atacada no auge da tensão instintiva. A outra é o início do reconhecimento de que existem ideias, fantasias, *elaboração imaginativa* da função, ideias e fantasias relativas ao fato, mas que não devem ser confundidas com o fato. (Winnicott, 1955[1954]/2000g, p. 317)

Este reconhecimento ocorre no momento em que a criança, já integrada, capaz de perceber a presença materna como diferente de si, nota a identidade entre a mãe dos momentos tranquilos e aquela dos momentos excitados (que ele ataca no auge da tensão instintiva):

Em um certo momento, no início do dia, o bebê tem uma experiência instintiva. Para simplificar as coisas, eu o imagino mamando, pois esta é realmente a base de toda a questão. Deflagra-se um ataque canibalístico impiedoso, que em parte pertence à elaboração imaginativa que o bebê faz da função física. Será a partir da sobrevivência repetida da mãe aos seus ataques nos momentos excitados que o *infans* poderá reconhecer a diferença entre os fatos e as fantasias, ou entre a realidade externa e realidade interna (Winnicott, 1955[1954]/2000g, p. 362).

Vemos claramente a importância do trabalho de *elaboração imaginativa* da função corporal para que as consequências dos impulsos do Id sobre o corpo da mãe possam ser inseridas em um *ciclo benigno*, no qual, a partir da sobrevivência da mãe, a criança pode se tranquilizar em relação aos riscos representados por seus ataques instintivos. Este movimento implica em uma maior liberdade por parte da criança em relação à intensidade das suas experiências instintuais, que, apesar de provocarem um sentimento de culpa, serão responsáveis pelo enriquecimento do mundo interno que se constitui na criança em desenvolvimento:

O impulso, assim, adquire mais liberdade, e riscos maiores podem ser corridos. Uma culpa maior é assim gerada, mas é seguida também por uma intensificação da experiência instintiva com sua *elaboração imaginativa*, levando à constituição de um mundo interno mais rico, que por sua vez acarreta um potencial de doação maior. (Winnicott, 1955[1954]/2000g, p. 366)

A elaboração imaginativa será, portanto, responsável pelos sentimentos decorrentes das diversas experiências instintuais (que envolvem o corpo), sendo

que eles estão relacionados aos objetos bons e maus que constituirão o mundo interno do bebê, durante e após o processo de integração.

A elaboração imaginativa e a integração egoica

Em 1965, ao escrever *A integração do ego no desenvolvimento da criança*, Winnicott diz: “os rudimentos de uma *elaboração imaginária* de exclusivo funcionamento do corpo devem ser pressupostos se se pretende afirmar que este novo ser humano começou a existir e começou a adquirir experiências que possam ser consideradas pessoais” (Winnicott, 1962/1983b, p. 59).

Nesta afirmação, o autor pondera sobre a origem do processo de integração egoica no desenvolvimento emocional, concluindo que o material do qual emerge a integração é composto de elementos sensoriais e motores, constituindo, portanto, a base do narcisismo primário. É importante destacar que o conceito de narcisismo primário, na compreensão de Winnicott, refere-se a uma descrição empírica do estado de fusão da criança com o ambiente, pois corresponde a um momento do desenvolvimento inicial no qual a criança nada sabe sobre o ambiente que lhe fornece sustentação.

Fulgencio, ao examinar a situação do narcisismo primário em Winnicott, afirma que este momento corresponde à “gênese das integrações que levarão ao *self* e, posteriormente, à distinção eu-nãoeu e à conquista da unidade que caracteriza a pessoa inteira” (Fulgencio, 2013b, p. 136). Não caberia, assim, pensar em um indivíduo, dado que, na sua concepção, ainda não há um *self*:

A continuidade do processo de amadurecimento fornece infinitas experiências de si mesmo, experiências de ser, que gradativamente vão se integrar entre si. No momento seguinte ao processo de amadurecimento, o indivíduo pode agrupar todas essas experiências do *self* num mesmo conjunto, integrando-as e podendo se diferenciar do mundo, ou seja, a criança chega à fase do “Eu Sou”. (Fulgencio, 2013a, pp. 190-191)

Será justamente através dos sucessivos encontros da criança com o objeto subjetivo, bem como das consequentes tentativas de elaborar imaginativamente as experiências corporais advindas desses encontros, que a experiência de *self* poderá emergir. Embora ainda não se possa falar sobre a existência de um eu, dado que ainda não existe a vivência de dentro e fora, é possível considerar um processo

Marcia Regina Bozon de Campos, Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

de integração egoica a partir das sucessivas e intermitentes experiências de *self* possibilitadas pela sustentação do ambiente.

Nesse mesmo texto, (Winnicott, 1962/1983b), conclui que é necessário considerar o bebê como um ser imaturo, à beira de sofrer uma ansiedade impensável, o que estaria muito além de considerá-lo como um ser cujos impulsos instintuais precisam ser satisfeitos.

Ainda em 1965, em *Uma nova luz sobre o pensar infantil* (Winnicott, 1965/1994a), o autor reflete sobre as origens do pensamento, presumindo que, provavelmente antes mesmo do nascimento, as sensações corporais são registradas tal qual foram experienciadas, ou seja, ele estabelece uma relação direta entre a experiência (corporal) e um registro que antecede à palavra. Sugere que a observação das *posturas íntimas* e dos *movimentos expressivos* do corpo do bebê poderiam auxiliar na compreensão da ordenação pré-cognitiva do pensamento, da qual emergirão as palavras e as imagens. Estabelece, como propriedades do bebê humano, o funcionamento corporal, sensório-motor e a *elaboração imaginativa* do funcionamento corporal (fantasia):

(...) o pensar vem a existir como um aspecto da imaginação criativa; ele serve à sobrevivência da experiência de onipotência e é um ingrediente da integração. Alguns bebês especializam-se no pensar e buscam palavras; outros especializam-se na imaginação criativa do tipo alucinatório; estes últimos podem não buscar palavras. Não se discute se um é normal e o outro anormal. (Winnicott, 1965/1994a, p. 121)

Segundo Winnicott, o pensamento, no desenvolvimento saudável, faz parte de um impulso criativo cuja origem encontra-se na *elaboração imaginativa* das sensações experienciadas corporalmente, o que, por sua vez, depende de uma boa adaptação do ambiente às necessidades do bebê. Caso isso não ocorra, o fracasso da ilusão de onipotência que deveria ser experimentada implicará no desenvolvimento de um pensar que serve como substituto materno, no qual a criança compreende além de suas possibilidades de processar a experiência. Nesse caso, no processo de desenvolvimento, a inteligência poderá se constituir como defesa frente à ameaça de desintegração,

Elaboração imaginativa, criatividade e capacidade de brincar estão intimamente relacionadas no pensamento de Winnicott. Encontramos esta relação formulada, talvez pela primeira vez, em *Notas sobre o brinquedo* (Winnicott, s/d/1994), texto sem data determinada, encontrado entre os manuscritos de Winnicott, mas que provavelmente antecede a década de 1960/1983a:

A *elaboração imaginativa* na origem da vida psíquica e suas implicações clínicas

O brincar é uma elaboração imaginativa em torno das funções corporais, relacionado com objetos e com a ansiedade. Gradualmente, conforme a criança se desenvolve como uma personalidade mais complexa, com uma realidade pessoal ou interior, o brincar passa a ser uma expressão em termos de exteriorização das relações e ansiedades internas. Isto conduz à ideia do brincar como expressão da identificação com pessoas, animais e objetos do ambiente. (Winnicott, s/d/1994, p. 50)

Nessa passagem, o autor está se referindo ao brincar no início da vida, antes do bebê se tornar uma unidade, como uma forma de processar as sensações corporais relacionadas à ansiedade, para mais adiante, conforme o avanço do processo de integração, tornar-se um meio de expressar as ansiedades externas. Neste momento, o brincar decorrente da *elaboração imaginativa* não teria ainda nenhuma relação com o ambiente, antecedendo seu potencial expressivo, embora possamos pensar que constitua no gérmen da expressividade e da criatividade surgidas a posteriori no desenvolvimento saudável.

A elaboração imaginativa no processo psicanalítico

A referência à *elaboração imaginativa* relacionada ao brincar no contexto da análise foi desenvolvida por Winnicott em *Natureza humana* (Winnicott, 1988/1990):

Nos jogos de crianças pequenas, podemos vislumbrar a elaboração imaginativa de suas funções corporais, especialmente num tratamento analítico, no qual entramos em contato muito íntimo com a realidade psíquica da criança, através de sua fala e de seu brincar. (p. 64)

É muito interessante esta ideia da *elaboração imaginativa* proporcionando acesso ao mundo interno da criança e evocando no analista sua própria capacidade de elaborar imaginativamente. Tal movimento favorece o *brincar na análise* proposto pelo autor, partindo do acesso às fantasias decorrentes das experiências que envolvem a relação do corpo com o espaço (que constituem a própria *elaboração imaginativa*), as quais são marcadas pela singularidade e pela subjetividade, tanto do paciente como do analista. Para compreender esse movimento, é importante destacar a importância conferida por Winnicott à integridade psicossomática do

Marcia Regina Bozon de Campos, Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

analista, que, ao interpretar, deve ser capaz de mobilizar sua capacidade intelectual sem dissociá-la de sua psicossomática.

Como afirma Bonaminio (2010), o analista descrito por Winnicott é visto, antes de mais nada, respirando. Não se trata, portanto, da capacidade do analista de fazer interpretações argutas, mas da possibilidade de direcionar sua atenção ao *self* do paciente, o que significa acompanhar os movimentos que oscilam entre a integração e o risco de desintegração, assim como aqueles que transitam pela possibilidade da psique habitar o soma. A partir dessa perspectiva, considera-se a *elaboração imaginativa* como um recurso do analista para estabelecer uma comunicação não verbal com o paciente de modo a auxiliá-lo no acesso do seu *self* verdadeiro, que constitui um núcleo central, silencioso, incomunicável “que não deve nunca se comunicar com, ou ser influenciado pela realidade externa” (Winnicott, 1963/1983c, p. 170).

Nesse sentido, ao pensar a respeito da interpretação e da comunicação no *setting* analítico (Bonaminio, 2010), afirma que a *elaboração imaginativa* consiste em uma atividade do *self* do analista que o permite investir no paciente. Considerando que Winnicott estabelece uma diferenciação entre pacientes que viveram experiências satisfatórias no início do desenvolvimento emocional, as quais poderão ser reeditadas transferencialmente, e outros que encontrarão na análise a oportunidade de ter experiências satisfatórias pela primeira vez, a atividade do *self* do analista antecederia a contratransferência. Esta atividade ocorre através da identificação primária, em um modo espelhado através do qual o *self* do paciente se apresenta ao analista a partir do contato estabelecido entre os corpos durante o encontro analítico, consistindo em uma experiência sensorial.

Roussillon (2012) contribui para a compreensão desta hipótese, afirmando que “as experiências subjetivas arcaicas estão intimamente articuladas aos estados do corpo e às sensações vindas dele” (p. 21), o que nos auxilia na compreensão da importância da *escuta ampliada* do analista no atendimento de pacientes cujo sofrimento, na falta de palavras capazes de expressá-lo, encontra alguma forma de inscrição no corpo. A atenção do analista é dirigida ao campo da sensorialidade, tanto no que se refere ao corpo do paciente, seus movimentos, variações de tom de voz, mudanças de tônus durante a sessão, como à percepção de seu próprio corpo sendo afetado pelo contato estabelecido entre a dupla.

Essa perspectiva torna-se relevante para a clínica psicanalítica contemporânea, constantemente desafiada pela incapacidade de tantos pacientes, sejam eles somatizadores, adictos, depressivos ou *borderlines*, de encontrarem palavras para comunicar seu sofrimento, aprisionados no deserto da precariedade de representações que impede a livre associação e as equações simbólicas. Em tais

condições, o caminho que leva da sensação ao pensamento ainda está por ser construído com o auxílio do analista, construção facilitada pela possibilidade de ele incluir a dimensão sensorial na sua escuta, ampliando-a para além das palavras.

No artigo *Distorções do ego em termos de verdadeiro e falso self*, Winnicott (1960/1983a) afirma que: “O *self* verdadeiro provém da vitalidade dos tecidos corporais e da atuação das funções do corpo, incluindo a ação do coração e a respiração” (p. 135). Deixa clara a aproximação entre o verdadeiro *self* e a experiência de se sentir vivo, apontando a vitalidade dos tecidos e os acontecimentos corporais vitais como base para o advento do verdadeiro *self*. Embora não faça uma clara referência à elaboração imaginativa, através da compreensão dessa noção no contexto de sua obra, podemos afirmar que esta corresponda a uma experiência pré-verbal, não simbolizada, marcada por uma singularidade determinada pelos ritmos do corpo daquele corpo/ser, que permitirá uma rudimentar atribuição de sentido à experiência de vitalidade que inaugura e possibilita a constituição do verdadeiro *self*.

A partir da inclusão do campo sensorial no encontro analítico, o fenômeno transferencial ganha novos contornos, demandando do analista a capacidade de elaborar imaginativamente suas próprias sensações corporais advindas, em parte, do acesso ao material fornecido pelo paciente regredido. Este caminho trilhado a dois, além da capacidade de representar e de simbolizar, permitirá ao paciente acessar o seu *self* verdadeiro e, conseqüentemente, a sensação de estar vivo, de ter uma vida que vale a pena ser vivida. □

Abstract

The *imaginative elaboration* at the origin of psychic life and its clinical implications

This paper aims to identify the emergence and development of the *imaginative elaboration* concept in Winnicott's work, by analyzing its significance and potential clinical implications. Complex and little explored, the notion of imaginative elaboration is one of the specific contributions to psychoanalysis, made by D.W. Winnicott, which allows for the formulation of a theoretical hypothesis about the inclusion of the body as a key element in the origin of psychic life. Considering the sensory field as a starting point for assigning meaning to bodily sensations in the early days of existence, the ability to imaginatively elaborate unveils the process of apprehension related to psychosomatic integration, as well as the possibility of keeping the connection between field of sensoriality, field of affection, and life

Marcia Regina Bozon de Campos, Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

representation alive and present in the adult life. In this perspective, the *imaginative elaboration* is at the origin of the power to create, dream, fantasize, daydream, play, and symbolize, setting it up as an important element in psychoanalytic treatment.

Keywords: Imaginative elaboration; Body; Psychosomatic integration; Winnicott

Resumen

La elaboración imaginativa en el origen de la vida psíquica y sus implicaciones clínicas

Este artículo pretende identificar la aparición y el desarrollo de la noción de *elaboración imaginativa* en la obra de Winnicott, analizando su significado y sus posibles implicaciones clínicas. Compleja y poco explorada, la noción de elaboración imaginativa es una de las contribuciones específicas al psicoanálisis, echa por D.W. Winnicott, que permite la formulación de una hipótesis teórica sobre la inclusión del cuerpo como un elemento clave en el origen de la vida psíquica. Teniendo en cuenta el campo sensorial como punto de partida para la asignación de sentido a las sensaciones corporales en los primordios de la existencia, la capacidad de elaborar imaginativamente inaugura el proceso de aprehensión de la integración psicossomática, así como la posibilidad de mantener viva y presente en la vida adulta la conexión entre el campo de la sensorialidad, el campo afectivo y la vida de representación. En esta perspectiva, la *elaboración imaginativa* está en el origen de la posibilidad de crear, soñar, fantasear, devanear, jugar y simbolizar, constituyendo un elemento importante en el tratamiento psicoanalítico.

Palabras clave: Elaboración imaginativa; Cuerpo; Integración psicossomática; Winnicott

Referências

- Alvarez, L., & Golse, B. (2008). *A psiquiatria do bebê*. Mira-Sintra: Gráfica European.
- Beebe, B., & Lachmann, F.M. (2014). *The origins of attachment. Infant research and adult treatment*. New York/London: Routledge.
- Beebe, B., Chen, P., & Lachmann, F.M. (2016). *The mother-infant interaction picture book: origins of attachment*. New York/London: W.W. Norton.

A elaboração imaginativa na origem da vida psíquica e suas implicações clínicas

- Bonaminio, V. (2010). *Nas margens de mundos infinitos*. Rio de Janeiro: Imago, 2011.
- Fulgencio Junior, L.P. (2011). A necessidade de ser como fundamento do modelo ontológico de homem para D. W. Winnicott. In F. Kyrillos Neto (Org.), *Saúde mental e psicanálise: lógica diagnóstica e novos sintomas*. Barbacena: UFTM/EDUEMG.
- Fulgencio Junior, L.P. (2013a). Ampliação winnicottiana da noção mecanismosiana de inconsciente. *Psicologia USP*, 24(1), 143-164.
- Fulgencio Junior, L.P. (2013b). A situação do narcisismo primário. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(3), 131-142.
- Fulgencio Junior, L.P. (2014a). Aspectos diferenciais da noção de ego e de self na obra de Winnicott. *Estilos da Clínica*, 19(1), 183-198.
- Fulgencio Junior, L.P. (2016). *Por que Winnicott?* São Paulo: Zagodone.
- Golse, B. (1999). *Du corps à la pensée*. Paris: Puf.
- Golse, B. (2006). *L'être bébé. La question du bébé à la théorie de l'attachement, à la psychanalyse et à la phénoménologie*. Paris: Puf.
- Golse, B. (Ed.) (2008). *Le développement affectif et intellectuel de l'enfant. Compléments sur l'émergence du langage*. Issy-les-Moulineaux: Elsevier Masson.
- Gurfinkel, D. (2017). *Relações de objeto*. São Paulo: Blucher.
- Imbasciati, A., & Cena, L. (Eds.). (2018). *Psicologia clinica perinatale: prevenzione e interventi precoci. Il futuro dei primi mille giorni di vita*. Milano: Franco Angeli.
- Imbasciati, A., Dabrassi, F., & Cena, L. (2007). *Psicologia clinica perinatale – Vademecum per tutti gli addetti alla nascita (genitori inclusi)*. Padova: Piccin.
- Imbasciati, A., Debrassi, F., & Cena, L. (Eds.). (2018). *Psicologia clinica perinatale per lo sviluppo del futuro individuo. Un Uomo Transgenerazionale*. Torino: Espress.
- Missonnier, S. (2009). *Devenir parent, naître humain*. Paris: Puf.
- Missonnier, S. (2012). Winnicott, le fœtus et la naissance. In A. Braconnier & B. Golse (Eds.), *Winnicott et la création humaine* (pp. 37-57). Toulouse: Éditions Érès.
- Missonnier, S., Blazy, M., Boige, N., Presme, N., & Tagawa (Eds.). (2012). *Manuel de psychologie clinique de la périnatalité*. Paris: Elsevier Masson.
- Phillips, A. (2007). *Winnicott*. São Paulo: Ideias e Letras.
- Roussillon, René (2012). As condições da exploração psicanalítica das problemáticas narcísico-identitárias. *ALTER – Revista de Estudos Psicanalíticos*, 30(1), 7-32.
- Stern, D. (1985). *O mundo interpessoal do bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- Stern, D. (1991). *Diário de um bebê*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott, D.W. (1971). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- Winnicott, D.W. (1983a). Distorção do Ego em termos de falso e verdadeiro self. In *O ambiente e*

Marcia Regina Bozon de Campos, Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

- os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 128-139). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1960)
- Winnicott, D.W. (1983b). A integração do ego no desenvolvimento da criança. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 55-61). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1962)
- Winnicott, D.W. (1983c). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos. In *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (pp. 163-174). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1963)
- Winnicott, D.W. (1983d). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional* (I. C. S. Ortiz, Trans.). Porto Alegre: Artmed. (Trabalho original publicado em 1965)
- Winnicott, D.W. (1988 [1970]). Dependence in childcare. *Babies & their mothers* (pp. 83-88). London: Free Association Books.
- Winnicott, D.W. (1992). Mind and its relation to the psycho-soma. In *Collected papers: Through Paediatrics to Psycho-Analysis* (pp. 179-188). London: Karnac. (Trabalho original publicado em 1954[1949])
- Winnicott, D.W. (1994a). Uma nova luz sobre o pensar infantil. In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott* (pp. 119-123). Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1965)
- Winnicott, D.W. (1994b). A experiência mãe-bebê de mutualidade. In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott* (pp. 195-202). São Paulo: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1969)
- Winnicott, D.W. (2000a). O apetite e os problemas emocionais. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas* (pp. 91-111). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1936)
- Winnicott, D.W. (2000b). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas* (pp. 218-232). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1945)
- Winnicott, D.W. (2000c). Memórias do nascimento, trauma do nascimento e ansiedade. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas* (pp. 254-276). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1949)
- Winnicott, D.W. (2000d). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas* (pp. 316-331). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1953[1951])
- Winnicott, D.W. (2000e). A mente e sua relação com o psicossoma. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas* (pp. 332-346). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1954[1949])
- Winnicott, D.W. (2000f). Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão no contexto psicanalítico. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas* (pp. 374-392). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1954)

A elaboração imaginativa na origem da vida psíquica e suas implicações clínicas

- Winnicott, D.W. (2000g). A posição depressiva no desenvolvimento emocional normal. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas* (pp. 355-373). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1955[1954])
- Winnicott, D.W. (2000h). A preocupação materna primária. In D. W. Winnicott (Ed.), *Da pediatria à psicanálise – Obras escolhidas* (pp. 399-405). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1956)
- Winnicott, D.W. (s/d). Notas sobre o brinquedo. In C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis (Orgs.), *Explorações psicanalíticas: D.W. Winnicott* (pp. 49-52). Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- Winnicott, D.W. (1988). *Natureza humana*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

Recebido 09/04/2020

Aceito em 20/05/2020

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Elena Beatriz Tomasel**

Marcia Regina Bozon de Campos

Travessa João Damasceno Fernandes, 25
05453-070 – São Paulo – SP – Brasil
marciarbozon@gmail.com

Leopoldo Pereira Fulgencio Junior

Av. Prof. Mello Moraes, 1721/164 – Bloco A
Cidade Universitária
0508-030 – São Paulo – SP – Brasil
lfulgencio@usp.br

© Revista de Psicanálise – SPPA